

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

MORAES, Maria de Lourdes Almeida de. *Maria de Lourdes Almeida de Moraes (depoimento, 2002)*. Rio de Janeiro, CPDOC/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2002.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC-FGV e MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**MARIA DE LOURDES ALMEIDA DE
MORAES
(depoimento, 2002)**

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

levantamento de dados: Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

pesquisa e elaboração do roteiro: Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Recife - PE - Brasil

data: 15/03/2002

duração: 1h 20min

fitas cassete: 02

páginas: 29

Entrevista realizada no contexto do projeto "Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas", desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

Sumário

Entrevista: 15.03.2002

Fita 1-A: Nome e cidade em que nasceu; nome dos pais; data de nascimento; nomes dos irmãos; profissão do pai; alfabetização; vida em Recife; comentários sobre a Revolução de 30 em Recife; experiência inicial no magistério; razões da entrada no curso de Serviço Social; criação da Escola de Serviço Social em Recife; influência da Ação Católica; estudos na Escola de Recife; viagem ao Rio de Janeiro; curso de formação no Instituto Social do Rio de Janeiro.

Fita 1-B: A importância da figura de Alceu Amoroso Lima na criação da Escola de Serviço Social; os professores do Instituto Social do Rio de Janeiro; o ambiente no Instituto e a formatura; volta para Recife e para a Escola de Serviço Social; posse como diretora da Escola de Serviço Social de Recife; professores e alunos da Escola de Serviço Social na época; ambiente na Escola; participação em Encontros de Serviço Social no país; influência do curso da PUC-SP na Escola de Serviço Social de Recife; relações da Escola de Recife com a LBA em Pernambuco.

Fita 2-A: O significado de ser assistente social e a realização profissional; influência da religião católica na vida e na profissão; contatos e a importância da figura de Dom Hélder Câmara; movimentos sociais da Igreja Católica: JOC (Juventude Operária Católica) e MEB (Movimento Eclesial de Base); aulas de Ética profissional na Escola de Nutrição e Enfermagem ; aposentadoria; trabalho voluntário, como assistente social, na Ação Social da Arquidiocese de Recife; agradecimentos.

1º Entrevista: 15.03.2002

D. Lourdes, nós queríamos que você começasse falando seu nome completo, o nome dos seus pais, onde a senhora nasceu, seus estudos...

Bem, há muita coisa a ser dita.

Mas esta é uma conversa muito informal. E nós iremos também perguntando coisas. Qual é seu nome completo?

Meu nome completo é Maria de Lourdes Almeida de Moraes, mas meu nome de guerra é Lourdes Moraes.

E onde a senhora nasceu?

Eu nasci em Olinda. A cidade... fico arrepiada [risos]. Olinda, a primeira capital de Pernambuco – que, aliás, está fazendo anos hoje. Mas depois apareceu Recife. Bem, então eu nasci em Olinda. O nome do meu pai era Henrique Pereira de Moraes e da minha mãe, Teresa de Jesus Almeida de Moraes. [O pessoal morre de rir do retrato deles] [risos].

Em que dia a senhora nasceu?

Eu nasci mesmo no dia 7 de julho de 1914, mas oficialmente foi no dia 8 de julho de 1914, vinte e quatro horas depois. Mas não tem importância nenhuma.

E a senhora tinha outros irmãos?

Tinha. Eu sou a mais moça da família. Nós éramos sete. A primeira morreu antes de todas as outras terem nascido. Aliás, Teié tinha nascido pouco tempo antes, no dia 27 de fevereiro de 1905. Mas antes dela teve uma, chamada Maria da Penha, a primeira Maria da Penha, que morreu não tinha nem dois anos, de forma que nós não conhecemos a Penha. A chamávamos de Penhinha. Que mais vocês querem saber?

E essa sua segunda irmã, como era o nome dela? A senhora falou Teié, mas é Maria da Penha também?

Não, ela não. Teve uma outra Maria da Penha.

Foi a segunda?

Não. A segunda foi Teresa de Jesus Almeida de Moraes, casada depois com um descendente de italiano, ela era Lucchesi.

Ah, sei. Então tinha o mesmo nome da sua mãe?

É, Teresa de Jesus. Se conservava isso. Eu sou a única que não tem nome de família; todos os outros têm nome de família. Bem, depois de Teié, Teresa, nasceu Antônio, que

é Tonho, olha o retratinho dele ali. Adorável, muito simpático. Depois vem Manuel, Joana Elísia, Janete e aí, a segunda Maria da Penha, que morreu também. E a última, eu, Maria de Lourdes.

Maria de Lourdes. Só tinha dois homens, uma família cheia de mulheres... Antônio e Manuel.

Dois homens, é.

E o seu pai fazia o quê, dona Lourdes?

Meu pai era farmacêutico, mas não formado. Ele é de Nazaré da Mata e foi morar em Olinda; lá conheceu minha mãe e com ela casou.

E a mãe da senhora cuidava dos filhos?

Cuidava.

Ela ficava em casa, trabalhando em casa?

É, claro!

Sete filhos é muita coisa.

É [riso].

A senhora morou a sua infância toda em Olinda?

Até seis anos, mas trouxe Olinda no meu coração.

A senhora estudou em Olinda também?

Comecei a estudar em Olinda, com uma senhora que esqueci o nome [riso].

Era uma professora?

Professora. E tinha muitas outras meninas na escola dela.

E foi ela quem ensinou a senhora a ler?

Foi. Ah, mas eu aprendi muito facilmente.

Ela dava aula para um grupo de alunos?

Não me lembro bem disso porque eu era muito criança.

E de Olinda a senhora foi para onde?

Meu pai adoeceu e nós pensamos em morar em Garanhuns, interior de Pernambuco. Bem, mas Garanhuns não nos trouxe saúde. Inclusive nós tivemos uma babá, a Dindinha, que foi a avó que eu conheci, porque eu não tive avó. Adorável Dindinha!

Era a babá?

Era, exatamente. Ela foi a nossa babá. Tem tanta coisa para dizer a respeito de Dindinha! Ela era preta, foi escrava, mas não da nossa família. Era uma mulher extraordinária mesmo...

Então a senhora foi para Garanhuns...

Para Garanhuns, mas em setenta dias voltamos para o Recife. Eu tinha quase sete anos. Papai precisou comprar uma casa e compramos aquela casa no Monteiro.

A casa, no bairro do Monteiro?

No bairro do Monteiro, exatamente. Ali nós vivemos muitos anos, 24 anos eu vivi naquela casa... cheia de recordação. Porque eu sou cheia de recordação.

Claro! Aí então a senhora continuou estudando aqui no Recife?

Havia lá no Monteiro, no bairro em que nós morávamos, um grupo escolar que eu freqüentei. Mas quando chegou no fim do ano, isso nós chegamos lá em junho ou julho... quando foi mesmo, meu Deus do céu? Mas eu deixei esse grupo. Mamãe tirou-me desse grupo escolar e me pôs na Escola Normal, defronte da Faculdade de Direito. Ali eu passei muitos anos.

E a senhora era boa aluna?

Muito boa aluna, sempre fui a primeira [riso]!

Seu pai e sua mãe tiveram algum papel, eles lhe estimularam a estudar ou era uma coisa que vinha...

Não, não precisavam mandar estudar. Nós estudávamos porque gostávamos de estudar.

Então a senhora fez Escola Normal. E a senhora sabe em que ano se formou como professora?

Foi no ano de mil, novecentos e... trinta... espera aí... ah, tem muito...

Trinta e poucos?

Vocês estão exigindo demais da minha memória.

Não, desculpe. A senhora se forma em mil, novecentos e trinta e poucos.

É, exatamente.

A senhora lembra do período da Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas tomou o poder?

Lembro, me lembro! E eu não tinha nenhum entusiasmo por aquela revolução. Eu era estudante e estava acabando o Curso Normal. – Em 30 morreu João Pessoa aqui no Recife. Eu não tinha entusiasmo por essa gente não.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A senhora lembra da morte de João Pessoa?

Foi assassinado.

Pois é, e aí a cidade ficou agitada.

Oh, meu Deus do céu! Eu era mocinha.

A senhora lembra do tumulto na cidade?

Me lembro, me lembro de tudo! Me lembro de tudo mas não participava, não. Não tinha entusiasmo!

Tinha aqui em Pernambuco o governador Estácio Coimbra e quem tomou o poder...

Fugiu pela segunda vez [risos].

Pois é, pela segunda vez. Fugiu de navio. E quem tomou o poder foi o Carlos de Lima Cavalcanti.

Carlos de Lima Cavalcanti... Foi.

Pois é, a senhora não gostou quando o Getúlio Vargas tomou o poder...

É, não tinha entusiasmo não.

E quando acabou a Escola Normal, a senhora foi trabalhar como professora?

Fui trabalhar como professora. Fiz concurso e trabalhei como professora muitos anos.

A senhora deu aulas onde? Em colégios da capital ou do interior?

Comecei quando morava lá no Monteiro. Eu ensinava naquele Grupo Escolar Silva Jardim. Hoje está tão desinteressante também...

E a senhora gostava de ensinar, de dar aula?

Não, não gostava muito de ensinar, não. Mas eu gostava muito dos meninos e os meninos gostavam muito de mim.

D. Lourdes, a Escola Normal que a senhora faz era religiosa, tinha que pagar?

Não, não tinha religião não. E não tinha que pagar. Nunca paguei escola.

Era uma escola pública?

Pública, pública!

Quando a senhora começa a dar aulas, morava sozinha ou morava com seus pais?

Papai já tinha morrido, mamãe era viva e várias irmãs já tinham... Mas foi uma coisa incrível naquele tempo.

A senhora trabalhou muito tempo como professora?

Não. Depois então, eu fiz um curso de Serviço Social em 1940.

Onde a senhora fez esse curso?

Comecei aqui no Recife. A Escola foi fundada em 1940. Então nós fizemos e freqüentamos o curso aqui, no Recife. Mas depois eu fui para o Rio de Janeiro e estudei no Instituto Social do Rio de Janeiro.

Vou pedir para a senhora ir devagar.

Perfeitamente, de acordo.

Como é que essa Escola de Serviço Social foi fundada?

Ah, meu Deus do céu, você está *tão* bonitinho aí [riso] que não imagina... [refere-se a um livro]

Ah, mas a senhora pode nos contar.

Só lendo! [riso].

Não, a senhora nos conta. Não tinha Escola aqui e a senhora foi da primeira turma, não foi?

Fui da primeira turma.

Como essa Escola foi criada?

Foi criada pelo então Juiz de Menores Rodolfo Aureliano. Quando se fala em história da assistência social aqui no Brasil, tem que se falar em Rodolfo Aureliano. Ele era juiz de menores.

Ele era ligado à Igreja? Rodolfo Aureliano, tinha ligações com a Igreja?

Ah, isso era. Todo o pessoal da Escola, do princípio da Escola era cristão. Não posso dizer que fosse católico propriamente. Nós tínhamos um ideal de seriedade, de honestidade.

A senhora lembra qual foi o motivo de Rodolfo Aureliano para criar essa Escola? Qual era o objetivo dele?

Ah, foi o de ajudar o povo.

Como ele era? A senhora conheceu o doutor Rodolfo. Como ele era?

Ele era mulato. Bem...

Ele era casado?

Casado, mas depois ele ficou viúvo e casou novamente.

Sei. E ele era uma pessoa que impressionava?

Não. Era muito honesto, muito correto.

Como ele foi se preocupar em fazer uma Escola de Serviço Social? A senhora tem idéia?

Está tudo tão escritinho aí que está uma beleza!

D. Lourdes está se referindo a um livro que conta um pouco essa história. Mas nos diga como a senhora resolveu fazer Serviço Social? Por que a senhora foi fazer Serviço Social?

Para servir, eu queria servir.

E como a senhora ficou sabendo da Escola?

O Rodolfo Aureliano era tão cheio de qualidades... Muito cheio de qualidades.

Sei, mas ele era seu amigo? Ele lhe avisou da Escola?

Não, ele era um meu camarada. Eu era de educação católica...

Ah, a senhora era membro da Ação Católica?

Da Ação Católica. Fervorosa [riso]!

Fervorosa mesmo. Aqui tinha um grupo grande de pessoas que militavam na Ação Católica.

Exatamente.

E ele também era da Ação Católica?

Ele era.

Então a senhora já o conhecia da Ação Católica?

É.

Quem mais de importante, aqui em Pernambuco, era da Ação Católica? Porque foi um movimento muito forte...

Muito... muita gente já morreu. Por exemplo, entre as pessoas que freqüentaram a Escola nos primeiros tempos, nós não podemos deixar de falar em Maria Dolores Cruz Coelho. A Dolores era muito dotada, muito inteligente, muito culta, até estudou na Europa. Tinha muitas qualidades.

E era da Ação Católica também?

Também. Ela não era propriamente da Ação Católica. Ela era noelista, mas era da Ação Católica.

Era o quê?

Noelista, de Noel.

Não sabemos o que é isso.

É um grupo religioso...

Mas queríamos queria que a senhora dissesse o que é ser noelista.

É um grupo religioso de gente muito qualificada socialmente.

Hum, entendi! A dona Lourdes está dizendo socialmente com os dedos. Então era um grupo religioso em que as pessoas que participavam tinham posses.

Tinham posses, é.

Então Maria Dolores Cruz Coelho foi também uma pessoa importante no início da história?

Foi, ela foi. Nós conhecíamos Dolores porque a cidade é muito pequena. Então, todo mundo conhecia Dolores Coelho.

Sei. E quem mais era desse grupo e também da Ação Católica?

Bem, havia as Paes Barreto.

Quem? Anita Paes Barreto?

É, Anita é uma pessoa formidável.

As pessoas então que decidiram fundar essa Escola de Serviço Social eram ligadas à Ação Católica?

À Ação Católica, à Igreja Católica.

Mais fortemente à Ação Católica por causa do juiz?

Sim. Era mais ou menos a mesma coisa, era tudo muito misturado.

Mas ele foi uma pessoa decisiva para a criação da Escola?

Muito, muito, muito! Ele se comunicou com gente da Europa, com o pessoal da Bélgica... Tem tudo aí [no livro].

E do ponto de vista do governo, ele também tinha contatos importantes?

Não aí é outra coisa. Nós tínhamos muitas reservas com o pessoal do governo. Mas a Escola tinha uma certa ligação com o governo por causa do dinheiro, entendeu?

O governo dava dinheiro para a Escola ?

Não dava não! Não dava nada e nem a gente estava querendo [riso]!

Então como é que era esse negócio de que tinha reserva com o governo mas...

Nós éramos independentes, somos *ainda* independentes [riso].

Certo. Mas que tipo de relações se tinha então com o governo? Havia algum tipo de relação com o governo? No início da Escola, quando a Escola foi criada? Porque mais ou menos nesta época foi criada também a LBA. A Alzira Vargas, lembra? Dona Darci...

Lembro, mas eu não estava aqui quando foi criada a LBA. Eu já estava estudando no Rio de Janeiro. Porque depois do segundo ano que passamos na Escola, nós recebemos uma bolsa de estudos, para estudar no Rio de Janeiro. Dolores Coelho tinha e não precisava de bolsa coisa nenhuma, mas eu tinha também ... Agora está tudo misturado.

Sei. Então me diga uma coisa: quando a senhora entrou, foi da primeira turma daqui da Escola de Recife?

Fui.

Quantas alunas eram? Como era a Escola? Conte um pouquinho a sua vida na Escola como aluna.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

Espera aí. A princípio nós conhecíamos os professores, mas nós não tínhamos nenhuma autoridade sobre eles, absolutamente nada.

Certo. Era só um grupo de moças da sua idade?

Todas com entusiasmo para ajudar.

A idéia era a de ajudar o próximo?

Ajudar, ajudar o próximo.

E eram muitas meninas?

A princípio eram talvez umas vinte ou trinta pessoas. Mas logo depois foi fundada a Faculdade de Filosofia lá das Dorotéias e o pessoal se passou muito para lá. Mas eu cá, eu fiquei...

E na Escola de Serviço Social tinha algum colega homem?

Tinha colegas homens, mas poucos.

E o horário, a senhora estudava de manhã, à tarde, como era?

Tinha horário de tarde, porque nós trabalhávamos.

A maioria era professora?

Era, também.

E as professoras da senhora eram boas? Quem eram os professores?

Ah, nós tínhamos gente muito especial. Por exemplo, doutor Luís Delgado.

Luís Delgado era professor da Faculdade de Direito.

É, tinha gente muito qualificada.

A senhora gostava da Escola? Achou que acertou na profissão?

Gostava. Mas pouco tempo depois eu saí, fui para o Rio de Janeiro porque recebi uma bolsa de estudos do Instituto Social. Você deve saber o que é Instituto Social, no Rio de Janeiro.

Mas a gente quer que a senhora conte. A senhora ganhou uma bolsa e foi para o Rio, para o Instituto Social.

Exatamente.

O que era esse Instituto Social?

Então eu não ganhava dinheiro. Era um milagre a vida da gente!

Mas a bolsa, era só para a senhora estudar, mas não lhe dava nenhum dinheiro não?

Não, não, não era para dar dinheiro propriamente não.

Sei. E esse Instituto Social ficava onde?

Naquela época, era na Rua Voluntários da Pátria. Eu tenho fotografia de tudo isso.

E o que a senhora estudava?

Serviço Social. Doutor Alceu Amoroso Lima...

Ah, ele era professor dessa Escola, o doutor Alceu?

Era, e incrível, por sinal. Doutor Alceu era uma pessoa formidável, extraordinária mesmo. E ele visitou a Escola, foi ao Recife, e teve um oferecimento de uma fotografia dele...

[FINAL DA FITA 1-A]

D. Lourdes foi apanhar no quarto a fotografia que estava mencionando. Uma linda fotografia emoldurada com uma dedicatória. Vou ler a dedicatória escrita por doutor Alceu: “À Escola de Serviço Social de Pernambuco, com a maior simpatia pelo grande trabalho social que estão fazendo. Alceu Amoroso Lima. 14 de outubro de 1946.” Dona Lourdes foi aluna de doutor Alceu.

Fui, com a graça de Deus.

E ele foi importante para a senhora?

Importantíssimo!

Queria que falasse disso. A senhora disse que ele foi uma pessoa que a influenciou muito.

Muitíssimo!

Como ele era como professor? Dava boas aulas?

Ele era simpático, falava claro... Enfim, uma pessoa fora do comum.

Falava claro e fazia vocês ficarem pensando em coisas, instigava vocês a pensar?

Não, não era acentuadamente isso não.

Ele dava aula de quê? Tinha uma disciplina, tinha uma coisa assim?

Era... meu Deus do céu, a memória falha...

Filosofia?

Não, não era filosofia, não era sociologia. Mas era uma coisa que misturava...

Nós sabemos. Quais foram os outros professores lá no Rio de Janeiro?

Doutor Piquet Carneiro.

Também foi um bom professor?

Extraordinário. Esse era médico.

Dona Lourdes, quando a senhora foi para o Rio, foram outras pessoas ou a senhora foi só? Quantas foram para o Rio?

Nessa vez? Éramos eu e Dolores Coelho.

Por que a senhora foi escolhida? Pediu para ir, foi convidada?

Não, não pedi coisa nenhuma.

E por que foi escolhida?

Pergunte ao doutor Rodolfo Aureliano e ao padre Távora, naquele tempo era o padre Távora, depois era o bispo de Sergipe, arcebispo de Sergipe, que também influenciou muito na minha ida.

E como a senhora viajou para o Rio de Janeiro? Foi de avião?

Não naquele tempo era de navio.

E lá a senhora ficou morando onde?

A família que eu morava no Rio, no momento não estava lá, de forma que eu fiquei num pensionato, uma coisa péssima, que só não foi pior porque eu tinha umas amigas que moravam perto, as Carneiro da Cunha, e mandavam me buscar na hora da comida [riso]. A comida era péssima, então mandavam me buscar para almoçar com elas. Elas tinham dinheiro, eu ia [riso].

E aí a senhora ficou quanto tempo no Rio?

Voltei do Rio acho que em 1942 ou 43, não tenho muita certeza.

E aí, de lá a senhora veio para cá?

Vim para cá.

Já para dirigir a Escola?

Já.

A senhora saiu de lá direto para dirigir a Escola de Serviço Social de Recife?

É, exatamente.

Dona Lourdes, então a senhora se formou no Rio.

No Rio.

A senhora teve formatura, ganhou diploma?

Sim, você quer [riso]?

Não, estamos querendo que a senhora nos fale sobre isso. A senhora fez o curso no Instituto Social e se formou. Então teve uma festa de formatura...

Não, não...

Festa que estamos dizendo não é de baile não, é de entrega de diploma, assim...

O negócio era que pingava lá no Rio também, entendeu? Pingava. E eu ia lá no pingamento [riso]. Mas agora eu não me lembro mais de ter ido...

O que é que pingava? Eram poucos os alunos. É isso?

É, é também.

Nós sabemos, era meio informal. Mas a senhora tem um diploma do Rio de Janeiro, formada em Serviço Social, é isso?

Sim senhoras. Se quiser vou buscar.

Depois a senhora nos mostra. Perguntamos isso porque, nessa época, quando as professoras primárias formavam, tinha toda uma solenidade e isso era importante. Nós queríamos saber se a senhora se formou só ou se outras pessoas se formaram junto?

Também – eu não estou dizendo que pingava?

Pingava sim. Então teve mais gente que formou com a senhora?

É. Teve mais uma, mais outra, mais outra... Entenderam? E assim eu voltei no Rio depois, minha irmã já tinha morrido também, mamãe estava no Rio comigo, meu irmão estava na guerra.

Qual dos dois: o Antônio ou o Manuel? Quem foi para a guerra?

Antônio.

Ele era militar?

Era. Contra a vontade de meu pai, mas era militar.

Sua mãe então ficou com a senhora no Rio?

Não. Eu fiquei um pouco no Rio, depois vim para cá.

E a senhora foi convidada, quando estava no Rio, para ser diretora da Escola?

Aconteceu o seguinte: eu já era diretora da Escola aqui e fui para o Rio. Então, lá, elas quiseram fazer uma festa de formatura, estava pingando... E eu fui convidada para ser a oradora [riso].

Então a senhora foi a oradora!

Fui. Horrível! Não fala nisso não [riso].

A senhora foi a oradora quando recebeu o diploma?

Foi, foi nessa ocasião, e Cereleu estava presente...

Quem?

Cereleu é doutor Alceu...

E a senhora então fez um discurso.

Ih, foi uma coisa horrível!

Foi? Por que foi horrível?

Porque não gosto de falar, nem de fazer discurso.

E qual foi a mensagem que a senhora passou neste dia? A senhora lembra?

Não.

O tom do seu discurso qual era?

Não lembro [ri].

Agora, uma coisa que nós queríamos saber, se a senhora se lembra... A senhora saiu do Recife e foi para o Rio de Janeiro. Era a primeira vez que a senhora ia no Rio de Janeiro?

Não me lembro. Não me lembro, porque acontece o seguinte: é que nós tínhamos muita ligação, como continuamos a ter. Você vê, ainda agora telefonava para cá, do Rio de Janeiro.

Sabemos. Mas em 1940 era muito difícil telefonar. O que a senhora achou do Rio de Janeiro? A senhora ficou impressionada com a cidade?

Não, porque já conhecia o Rio de Janeiro de muito antes!

Ah! Então a senhora já conhecia.

Já conhecia!

Tinha alguma coisa na cidade que a senhora gostava? O que mais a impressionava?

Tinha as coisas de arte, nós íamos muito ao Mosteiro de São Bento.

Falando em Mosteiro, eu lembrei agora que nessa época tinha aquele debate do Alceu de Amoroso Lima com o Gustavo Corção.

Gustavo Corção.

Pois é. Na Igreja tinha essa polêmica muito grande.

É, mas doutor Alceu não era polemista não. O Corção é que era mais brabão. [risos].

A senhora preferia o doutor Alceu, entre os dois?

Cereleu querido!

E como a senhora foi escolhida para ser diretora da Escola de Serviço Social aqui de Recife?

Porque não tinha ninguém para ser!

A Dolores já tinha sido?

Dolores não. Dolores demorou, variou um pouco...

Então a senhora pegou a Escola, depois que veio do Rio. E aí? Você ficou contente de ser diretora da Escola? Foi uma experiência boa? Como é que foi isso?

Não. Eu não gosto de ser... primeira, entendeu?

Sabemos. Mas a senhora gostou de ser diretora, não gostou?

Sim... *noblesse oblige*.

Quantos anos a senhora foi diretora? Foi muito tempo, não foi?

Da Escola? Ah, um bocado! Acho que uns dezoito anos.

Depois da senhora, foi a Evany Mendonça, não?

Mas demorou, demorou.

Demorou muito, 18 anos é muito tempo! E nos responda uma coisa: Evany Mendonça foi aluna na sua época de diretora, não?

Foi. Exatamente. As coisas todas... foi pingando, pingando bem.

E a Escola funcionou sempre no mesmo lugar? Como era isso?

Ah! Aí tem uma história bonita também. A Escola primeiro foi hóspede do Juizado de Menores. Tinha uma salinha lá em cima, uma coisa assim. Depois, por causa de padre Távora, do dom Távora, nós ganhamos aquela casa que eu não sei se vocês conheceram, na Avenida Conde da Boa Vista.

Mas vamos lá. Então, primeiro, o prédio era aquela coisa acanhada. Depois vocês conseguiram essa outra casa. Como conseguiram? Foi na sua gestão essa mudança?

É, mas foi o padre Távora que conseguiu.

Sim, mas a senhora era diretora quando a Escola saiu do Juizado e foi para essa casa. É isso mesmo?

É, é.

Sabemos. A senhora já era diretora então? Isso que é importante registrar. Foi na sua época, não é? Os professores, quando a senhora era diretora, eram bons? Quem era professor da Escola?

Nós procurávamos escolher bons professores, mas eles faltavam muito! Ah, meu Deus do céu! Coisa séria.

Por que a senhora acha que eles faltavam tanto?

Eu sei? Pergunte a eles! Eu acho que eles não tinham dinheiro, não recebiam o suficiente.

Foi isso que nós pensamos. Agora, a senhora, como diretora, recebia um dinheiro razoável?

Não, não, não tinha dinheiro. Eu recebia um dinheiro do estado. Como era mesmo?

Nós sabemos, a senhora ficava à disposição da Escola, não é?

É.

Certo. Porque como diretora mesmo, praticamente não ganhava ou ganhava muito pouco. Ganhava como professora primária. Mas então os professores faltavam muito...

É...

Mas tinha bons professores na Escola?

Tinha sim, tinha bons professores. Luis Delgado...

A Escola era conceituada?

Era, eu acho que sim.

Alunos, tinha muitos alunos?

Não, muitos alunos nós nunca tivemos. Mas tínhamos alunos interessantes.

A senhora lembra de alunos interessantes, que lhe marcaram?

Não, não marcaram, não... Interessantes, interessados.

A senhora dava aula também?

Dava aula de Ética Profissional.

Como é que era essa matéria? O que é que a senhora ensinava? Nós estamos perguntando da matéria que a senhora dava aula. Ética profissional? O que era ética para uma assistente social, quer dizer, o que se ensinava com essa idéia de ética?

É difícil dizer, não?

Mas é importante, essa idéia de ter uma matéria que ensina ética para as assistentes sociais. O que se ensinava nessa matéria?

Vergonha [riso].

É? E como que se ensina a ter vergonha? Estamos interessadas em aprender para ver se conseguimos ensinar [risos]. A senhora lembra mais ou menos? A senhora trabalhava com algum livro? Como a senhora montava seu curso?

E eu sei?

Não lembra, não é?

Não, assim não.

A senhora viajou para outros lugares, além do Rio de Janeiro, para participar de encontros de assistente social?

Viajei, inclusive para fora do Brasil.

Foi para onde?

Fui à Bélgica. Eles trabalham bem lá.

A senhora foi para a Bélgica fazer o quê?

Eu fui convidada para fazer... estudar... não sei como é...

Fazer ou ouvir uma palestra?

Não.

A senhora foi fazer curso?

Fazer de tudo.

Fazer um pouco de tudo?

É. Gostava.

E a senhora foi só para a Bélgica ou também para outros lugares? Conheceu outros países?

Ah, conheci sim. Viajei com minha família: Itália, Portugal...

E aqui no Brasil a senhora participou de encontros de Serviço Social?

Participei.

Das diretoras de Escola?

É, tudo isso eu fiz.

E a senhora lembra quando foi para a Bélgica?

Quando eu fui para a Bélgica... Oh, meu Deus do céu!

A senhora demorou lá? Foi pouco tempo?

Não, não foi assim de passagem não.

E a senhora sabia falar francês?

Sim.

Então lá a senhora conseguia assistir as aulas, não é?

É.

E a senhora foi aos Estados Unidos também?

Não, aos Estados Unidos nunca fui.

Na Bélgica a senhora encontrou outras assistentes sociais também? Tinham outras brasileiras na Bélgica?

Tinham sim, inclusive a minha companheira Dolores Coelho tinha estudado na Bélgica e me encaminhou para certos grupos.

E aqui no Brasil, a senhora viajou também? Fora a experiência do Rio, a senhora foi a São Paulo?

Ah, sim, tudo isso.

Fez ou deu curso lá em São Paulo?

Não, curso propriamente não. Mas eu gostei muito da influência da Escola de Serviço Social de São Paulo sobre a nossa Escola.

Qual foi essa influência?

Uma influência boa.

Quem era a figura de São Paulo que mais ás influenciou?

Helena Junqueira.

E eles vinham para cá também, vocês iam para lá, eles vinham para cá?

Não, não.

Não tinha essa troca grande?

Não, mas a gente sempre se reunia.

A influência da Escola de Serviço Social de São Paulo que a senhora está dizendo que gostava, era da PUC?

Era da PUC.

Mas como que as pessoas daqui do Recife e de São Paulo se encontravam? Como era esse contato? Como se dava essa influência do pessoal de São Paulo aqui no Recife?

Eu acho que de vez em quando tinha reuniões grandes e então nós nos encontrávamos.

As reuniões eram encontros de assistente social?

Eram sim.

Encontros de assistente social. A senhora esteve em países da América Latina? A senhora foi ao Chile?

Ah, fui [riso]!

Foi fazer o quê lá?

No Chile, primeiro, participar de um congresso.

Era um congresso de Assistência Social?

De Serviço Social.

É que, se não estamos enganadas, existia uma entidade nacional das assistentes sociais.

É, tinha.

E que tinha diretoria, presidente...

É.

A senhora participou alguma vez desse tipo de...

Sim. Participava.

Assistindo às conferências, a esses encontros, a senhora ia sempre? Dona Lourdes, a senhora, que foi à Bélgica foi ao Chile, achava que o Serviço Social no Brasil caminhava bem, ia bem? A senhora achava que na Bélgica era melhor? O que a senhora pensava do Brasil?

Eu acho que esse negócio de ser melhor, ser pior, não se trata disso. Eu gostava das ligações.

Mas a senhora considerava que o que se estava fazendo no Serviço Social aqui no Brasil, inclusive a Escola que a senhora dirigia, estava caminhando bem? A senhora estava satisfeita com o que estava fazendo?

Estava e não estava, é difícil precisar.

Mas quando a senhora ia nesses encontros e as pessoas falavam, contavam suas experiências, a senhora via que as experiências que tinha eram boas também?

Também eram.

Pois é, nós queríamos perguntar se a Escola de Recife, na sua visão, era uma boa Escola?

Agora?

Não, no seu tempo, quando a senhora era diretora.

A gente procurava fazer o melhor que pudesse.

Porque parece que ela foi a terceira do Brasil. São Paulo, Rio e Recife, não foi isso?

Foi, eu acho que foi.

E ela era uma Escola importante. Ela era uma referência para o pessoal do Nordeste?

Nós éramos respeitadas e respeitáveis, entendeu?

Recebiam alunas de outros estados?

Recebíamos de outros estados.

Porque anos depois foi que se começou a criar outras Escolas, não foi isso?

Foi sim.

E a LBA? Qual a sua visão da LBA naquela época, da Legião Brasileira de Assistência?

Naquela época eu não tinha muita ligação com a LBA. A LBA foi posterior, não tinha uma ligação muito grande.

Mas não tinha nenhuma interferência? A LBA não ajudava a Escola de Serviço Social não? A LBA ajudou a Escola de Serviço Social em alguns momentos?

É possível. Nós nos ajudávamos. Nós ajudávamos e nós éramos ajudadas também.

Da LBA, a Escola recebia alguma coisa: dinheiro, material, móveis...

Alguma coisa. Por exemplo, a casa que nós recebemos foi praticamente uma herança da LBA. Aquele sobrado de azulejo lá na Rua Conde da Boavista.

E o governo? Quando a senhora foi diretora, entrava em contato com o governador de Pernambuco, com o prefeito?

Olha, nesse ponto a Luluzinha é muito *fracativa*, compreendeu? É muito *fracativa* mesmo. Eu não tenho jeito para essas coisas, não.

Então a senhora não fazia isso?

Fazia dentro das minhas possibilidades.

E as relações com a Igreja Católica como ficavam? Tinha alguma coisa?

Também.

O bispo daqui participava, ia na Escola?

Não. Nós pegamos outros bispos. Pegamos dom Lamartine, pegamos dom Hélder, entendeu? E ultimamente, com o atual, eu não tenho ligação maior.

E quando a senhora saiu da direção da Escola, foi trabalhar onde? Ficou dando aula na Escola?

Foi. Nem me lembro.

Foi professora da Escola. Está tudo aqui, está tudo no livro.

É, está tudo no livro [riso].

E o que a senhora acha da profissão de assistente social? Como a senhora define essa profissão?

Ave Maria!

A senhora gostou de ter sido uma assistente social? A senhora foi uma assistente social ao longo de sua vida toda.

Eu procurei servir.

Onde a senhora acha que a senhora serviu melhor? De todas as coisas que a senhora fez, que experiência como assistente social, para a senhora, foi mais importante?

Tão fracativa eu sou!

Não achamos não! A senhora foi durante 18 anos diretora de uma Escola!

Olha, eu procurei ser sempre uma pessoa que fala a verdade, entendeu? Eu ensinava e procurava praticar aquilo que ensinava.

[FINAL DA FITA 1-B]

Fale um pouquinho, por exemplo, de projetos que a senhora tomou conhecimento neste campo da assistência social aqui em Pernambuco. Foram desenvolvidos alguns projetos, não foram?

Isso está um pouco distante.

Quando Agamenon Magalhães foi interventor, ele criou a Liga Social Contra os Mocambos e aquilo durou muito tempo. A senhora conheceu esse trabalho? Tem alguma visão desse tipo de trabalho?

Não, não conheci de perto não. Não pratiquei, não vivi, entendeu?

Mas as alunas, na época que a senhora era diretora, não faziam estágios? Onde elas estagiavam? Com que tipo de serviço elas tinham contato maior? Os alunos tinham que fazer algum estágio. Onde faziam? Quais eram as entidades? Nesses institutos de aposentadoria e pensão, nas caixas, nos institutos de previdência social, era isso?

Não foi isso . Dentro do que se apresentava, nós fazíamos sempre o que podíamos...

Dona Lourdes, a senhora, que hoje tem mais de oitenta anos, acha que a profissão de assistente social mudou muito?

Não sei dizer.

A senhora acompanhou durante muito tempo o ensino nas Escolas de Serviço Social. A senhora acha que esse ensino mudou? O que a senhora acha?

Não sei, eu não sei responder com sinceridade.

Mas a senhora foi assistente social a vida toda, não?

É, exato.

Quando a LBA foi fechada, sentiu alguma...

Não, não.

Não lhe bateu nada?

Eu não acompanhei esse processo.

A senhora também nunca teve nenhuma ligação maior com o pessoal da LBA aqui no Recife?

Tinha e não tinha, não é? No tempo que era Dulce Sampaio ...

A primeira-dama, que era mulher de Cid Sampaio. Ela foi presidente da LBA aqui no Recife, não?

Foi, foi.

E entidades como Lyons, Rotary, a senhora tinha contato?

Não, não, não conheço também não. Não acredito muito na eficácia, não.

Qual é a diferença que a senhora faz de um trabalho como o do Lyons e do Rotary e um trabalho mais de assistência social mesmo?

Não, não sei não. Não sei responder.

Porque tem muito aquela história que o assistente social não tem que dar o peixe, não é isso? Tem que dar o anzol para a pessoa aprender a pescar. A senhora concorda com isso?

Até certo ponto, eu acho que sim.

Mas por quê? A senhora acha que de vez em quando tem que dar o peixe mesmo? A senhora acha que tem que dar o peixe para a pessoa ou tem que dar o anzol para ele aprender a pescar?

São coisas que variam, não?

Depende, não é? Agora diga-nos uma coisa dona Lourdes, e a política? A senhora se interessava por política?

Eu me interessei muito por política.

Porque aqui em Pernambuco sempre teve muita efervescência política.

Sempre.

A senhora fez campanha de governador, participava?

Não, não, campanha nunca fiz não. Mas eu me interessei muito pelas coisas.

Bom, dona Lourdes, vamos insistir nessa pergunta sobre a coisa da assistência social. O que a senhora acha que é ser uma assistente social? Qual é o sentido disso?

Olha, eu continuo a achar que nós precisamos ajudar, dentro das nossas posses, das nossas possibilidades. Agora, se conseguimos, não sei, não sei. Não sei se respondi o que você me perguntou.

Respondeu. E a senhora ficou realizada em ter abraçado essa profissão?

Não, não acho também que tenha sido uma coisa que tenha me marcado não.

Vendo a senhora, nós achamos que marcou.

É?

Ah, sim! A senhora trabalhou a sua vida inteira nisso! Porque, nessa época que a senhora fez essas coisas todas, poucas mulheres participavam da vida social do país. Poucas mulheres foram diretoras de escola em 1940, em 1950. A senhora não acha que foi uma pessoa de vanguarda?

Sim, e uma pessoa que sempre trabalhou pela verdade, pela justiça. Isso eu sempre procurei ter. Agora, não sei se fui.

A senhora se classifica como uma feminista?

Ah, *ih!* Não me *gusta*. [riso]

Agora, quando foi diretora, enfim, quando fez essas coisas todas no sentido de assumir responsabilidades, a senhora considerava que isso era alguma coisa que devia fazer como católica?

Sim, como pessoa, não é?

Como pessoa. Não sentia isso como um dever religioso também?

Não. Também, pode ser.

Também sentia...

É, é.

Quer dizer, era uma coisa importante para a vida religiosa da senhora?

Sim.

Nós queríamos saber se a senhora continuou mantendo boas relações não só com pessoas do clero, da Igreja, mas também laicas como o doutor Alceu. A senhora continuou mantendo algum tipo de contato com ele, por exemplo?

Não. Cereleu? Ele já morreu, não?

Agora já morreu, mas até que ele viveu bastante. Nós estamos querendo dizer antes enquanto ele era vivo, claro.

É, podia, mas eu não tinha tantas oportunidades não.

E a senhora conheceu pessoalmente dom Hélder Câmara?

Conheci bastante.

O que a senhora achava do trabalho dele?

Era uma pessoa interessante.

Porque ele era uma pessoa muito controversa. Sobre ele, tem muita gente que gosta e muita gente que não gosta, não é isso?

É. Todo mundo é assim.

Mas a senhora acha que dom Hélder teve um papel importante aqui no Nordeste como bispo?

Acho que sim, mas eu gosto, eu admiro muito o papel, as coisas, as reações de dom Lamartine. Dom Lamartine foi muito mais bispo daqui do que dom Hélder. Dom Hélder foi mais bispo da diáspora, não é? Ele vivia viajando.

E dom Lamartine era mais presente?

É, dom Lamartine era mais daqui.

E esse atual bispo, a senhora tem contato com ele?

Não tenho contato nenhum.

A senhora é católica praticante até hoje?

Sim.

Vai à missa?

Infelizmente não vou mais à missa, porque não posso mais andar sozinha. Só posso andar acompanhada. Mas sou... fervorosa! Cristã [riso].

Cristã, não é? A Igreja Católica passou por uma série de transformações e a própria Ação Católica também se dividiu muito numa época. Foi criada a JOC, a senhora lembra da JOC?

Muito! Mas a JOC de antes.

E o que a senhora achava disso? Da JOC, da...

Interessante.

Quer dizer, esse movimento da JOC, a senhora achava interessante?

Muito!

E aquele movimento da Igreja, o MEB o Movimento Eclesial de Bases, de alfabetização, de educação de base para adultos? A senhora também acompanhou esse movimento?

Tanto quanto possível, eu acompanhava e admirava muito, respeitava.

E quando a senhora saiu da Escola, ficou só dando aula? A senhora já nos falou isso, mas ficou um pouquinho confuso.

Estou pensando o que eu fazia...

Deve ter ficado na Escola, era professora da Escola.

Não, aí eu já tinha deixado a Escola, já estava trabalhando na universidade.

Sabemos, foi para a universidade.

Eu gostava imensamente de ensinar.

Ah, a senhora gostava?!

Imensamente! Os meus alunos, tenho certeza que eu era amada por eles.

A senhora mudou. No início ela não gostava muito de dar aula não, gostava das crianças. Mas foi tomando gosto então, não é dona Lourdes?

É. Eu senti uma pena enorme quando deixei de ensinar!

A senhora era da Escola de Nutrição e Enfermagem? Qual sua relação com Nutrição e Enfermagem?

É, eu fiz nutrição, enfermagem e... como é aquela coisa... fisioterapia.

Ah, a senhora deu aula Escola de Nutrição e Enfermagem?

É, eu dava Ética Profissional, nesses campos.

Ah, e Nelson era diretor da Escola de Nutrição.

É, doutor Nelson era.

A senhora conheceu a professora Naíde Teodósio?

Uh, Naíde é uma grande figura!

É? A senhora gosta dela, não é? É uma grande figura, não é? Então você trabalhou na época de Naíde na mesma Escola?

É, mais ou menos.

E a senhora também orientava alunos quando estava na Escola de Nutrição?

Sim.

A senhora não fez faculdade, não se formou em Nutrição. Formou-se em Assistente Social.

Só.

Mas dava aulas de Ética Profissional, não é isso?

Exatamente.

E havia alunos com que a senhora tinha contato maior, dos que você orientou?

Não, não sei. Não sei, com toda a sinceridade.

E quando a senhora estava dando aula na universidade, de Ética Profissional, lembra mais ou menos o que ensinava?

Olha, menina, eu acho que eu ensinava a procurar, a busca da verdade, a busca da honestidade, entendeu? Isso é que eu procurava sempre. E eu me lembro de uma ocasião em que fiz uma pergunta e um aluno disse: “Melhor do que as suas aulas, só as suas aulas”.

Olha que elogio! Estamos doidas para saber como eram essas aulas!

Ah, meu Deus do céu [riso]!

Pena que eu não pude assistir! A senhora usava algum livro, tinha algum material?

Não, eu não tinha livro não.

Um que só mandasse ler, um artigo, alguma coisa assim que a senhora gostasse e mandasse os alunos ler...

Bom, não me lembro especificamente...

Lá no Rio, nós entrevistamos Violeta Campofiorito. A senhora conhece?

Sei, foi diretora da Escola de Niterói.

Mas a senhora a conheceu pessoalmente?

Conheci pessoalmente.

Ah, é? Estiveram juntas onde?

Nas reuniões de professores, de diretoras de Escolas.

Certo. E quando a senhora passou o trono para Evany Mendonça, como foi esse momento?

Oh, inteiramente livre [riso]!

Ficou satisfeita porque ia poder descansar.

Eu me lembro dela sair pelo terraço da Escola, chorando, porque absolutamente não queria. Ela foi escolhida.

E a senhora achou ótimo!

Oh [riso]! E ela fez melhor do que eu, garanto.

A senhora trabalhou na universidade até mais ou menos quando?

Até fazer setenta anos. Já faz muitos anos, já vou fazer oitenta e oito!

E aí, quando a senhora foi aposentada, achou bom ou achou ruim?

Não, uma pena enorme de deixar de ensinar! É, enorme, gostava imensamente de ensinar.

E aí, a senhora ficou fazendo algum trabalho ou ficou em casa? Como ficou sua vida, depois que deixou a universidade?

Conversando e trabalhando na arquidiocese.

Ah, a senhora ajudava na arquidiocese?

Na arquidiocese, é.

Ah, a senhora foi trabalhar na arquidiocese, trabalho voluntário, é isso?

Tudo voluntário. Tudo voluntário! Graças a Deus.

Mas o que a senhora fazia no trabalho da arquidiocese? Qual era o trabalho que a senhora fazia lá?

E eu sei [riso]? Ajudava nas coisas que precisavam.

A senhora visitava a casa do pessoal pobre, fazia esse tipo de coisa?

Não, não. Infelizmente eu não fazia certos trabalhos não.

Porque tem uma diferença entre as visitadoras sociais e as assistentes sociais, não? Não são duas coisas diferentes?

Eu acho que são um pouco diferentes.

Qual é a diferença?

A visitadora tinha mais um trabalho... não sei.

Mas de qualquer maneira, nessa época que estava na arquidiocese, o seu trabalho era mais junto com o bispo mesmo, não?

Era, exatamente. As pessoas me procuravam para conversar isso, conversar aquilo...

A senhora redigiu alguma apostila sobre as aulas daquela época?

[ri] É. Isso aqui é que é nosso.

É um seminário: Anais do seminário – A trajetória do ensino do Serviço Social em Pernambuco. Em comemoração aos cinquenta anos de ensino de Serviço Social, é um livro de 1990, editado pela Universidade Federal de Pernambuco. A senhora foi a esse seminário?

Eu participei.

A senhora participou. E nós gostaríamos de ter uma cópia desse material.

Então tire.

Pois é isso. Olhe, foi um prazer enorme conversar com a senhora...

Ih, meu Deus do céu!

Quer encerrar dizendo alguma coisa?

Não tenho, não tenho nada para dizer a não ser muito obrigada!

Nós queremos agradecer muito à senhora ter nos cedido o seu tempo, essa tarde de sexta-feira.

Meu tempo é para isso.

Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]